Informativo Agroservice.

Risca bacteriana no milho.

Autor: André Gradowski de Figueiredo.

SEMEANDO
O FUTURO
DESDE 1856

Risca bacteriana no milho

Recentemente foi identificada uma nova doença na cultura do milho no Brasil. Trata-se da bacteriose chamada popularmente de Estria Bacteriana cujo patógeno é a **Xanthomonas vasicola pv vasculorum (Cobb 1894).**

Os primeiros relatos desta doença no Brasil ocorreram em alguns municípios do Oeste do PR em 2016, sendo oficialmente confirmada pelos pesquisadores em 2018. Seu primeiro reporte foi na África do Sul em 1949. Nos Estados Unidos esta doença foi observada no meio Oeste atingindo nível de epidemia nos estados de Kansas, Colorado e Nebraska, porém verificada também em demais seis estados americanos: Illinois, Iowa, Minnesota Oklahoma e Dakota do Sul. Em 2017 a doença já foi observada em diversas Províncias Argentinas, sugerindo uma elevada capacidade de disseminação da doença no ambiente.

No Brasil a doença já foi observada em diversos municípios do PR: Cascavel, Corbélia, Cafelândia, Nova Aurora, Palotina, Santa Tereza do Oeste, Toledo, Ubiratã, Floresta, Campo Mourão, Assaí, Londrina, Rolândia, Mandaguarí e Sertanópolis.

Trabalhos de monitoramento na cultura do milho, mostram que as doenças de origem fúngica são as mais comuns, porém as doenças de origem bacteriana e virótica vêm assumindo cada vez mais relevância em função dos elevado impacto econômico e dificuldades de controle.

Este boletim técnico objetiva auxiliar técnicos e agricultores na melhor tomada de decisão para o manejo desta nova doença.

Sintomas e Epidemiologia

Os sintomas iniciais ocorrem geralmente nas folhas do baixeiro do milho, podendo evoluir rapidamente para demais folhas, e em casos mais intensos atacar as brácteas das espigas.

Foto: Sérgio Alexandrino

No começo da infecção as lesões são no formato de pequenas pontuações amareladas. Posteriormente as lesões podem apresentar coloração variável de amarelo-alaranjado a marrom, com formato oblongo e cantos mais arredondados o que permite diferenciar de outras doenças de origem fúngicas como a Cercosporiose. As lesões concentram-se em maior quantidade próximo a nervura central e em condições favoráveis evoluem rapidamente, causando perdas significativas da área foliar da planta. A resistência genética dos híbridos

tem se mostrado bastante variável. Híbridos mais suscetíveis em situações de elevada severidade vem apresentando perdas superiores a 30% em condições de campo.

Em caso de dúvidas é recomendado coleta de amostras de plantas e envio para laboratórios de fitopatologia credenciados, no entanto é possível realizar um teste simples a campo que permite diferenciar esta bacteriose de outras doenças fúngicas. Para isto basta coletar um pedaço de folha lesionada, e submergir em água. Caso seja observado a liberação de um exsudado semelhante a um muco, pode-se concluir que se trata de uma bacteriose. A observação deste muco pode levar alguns minutos.

Por se tratar de uma doença ainda pouco conhecida, carecem informações mais precisas a respeito do comportamento deste patógeno. Pelo que se conhece até o momento, a bactéria sobrevive por longos períodos nos restos culturais e em plantas daninhas. A disseminação é favorecida pelos ventos associadas as chuvas, que são frequentes na safrinha do sul do Brasil.

Em casos mais severos da doença as plantas podem apresentar morte prematura, redução do peso de grãos e tombamento de plantas.

Também para este patógeno, vale o triangulo de doenças onde quanto maior a suscetibibidade do híbrido, na presença do patógeno e em condições ambientais mais favoráveis, maior a severidade da doença. Em outros países foi observado nestas condições níveis de incidência de 90% de plantas afetadas com perdas foliares superiores a 50% nos híbridos mais suscetíveis.

Manejo da doença - Controle

Como as demais doenças bacterianas, o controle desta doença não é muito simples. Sua disseminação entre áreas próximas pode ocorrer pelo vento ou até pela movimentação de maquinário.

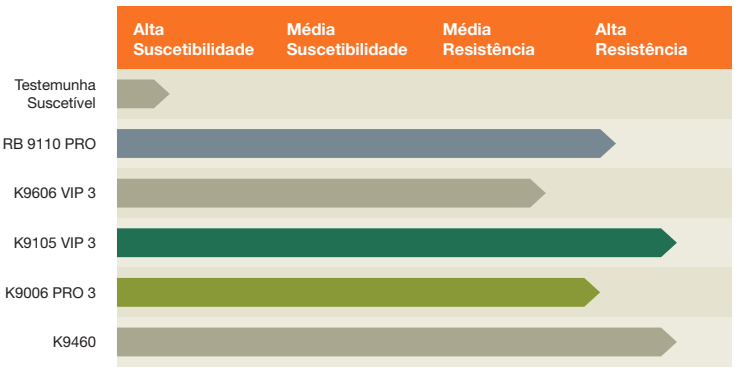
Boas práticas de manejo de doenças como rotação de culturas, controle de plantas daninhas que podem ser hospedeiras, boa nutrição de plantas podem auxiliar.

Alguns ensaios tem sido conduzidos com objetivo de avaliar o controle químico, mas infelizmente os fungicidas registrados são ineficazes, e a utilização de bactericidas não é geralmente recomendada na agricultura.

Felizmente a resistência genética dos híbridos pode ser uma ferramenta bastante eficiente pois existe grande variabilidade de resistência entre os híbridos comerciais no Brasil. Nas regiões com presença da doença a KWS recomenda o plantio combinado de híbridos com no mínimo média/alta resistência, diminuindo assim os riscos de perdas.

Para estes ambientes, nossa equipe de pesquisadores, está comprometida na seleção de genótipos mais resistentes evitando perdas por parte dos agricultores.

A seguir recomendamos os seguintes híbridos.



Fonte: Ensaio de Competição de Híbridos - CPA Copacol.

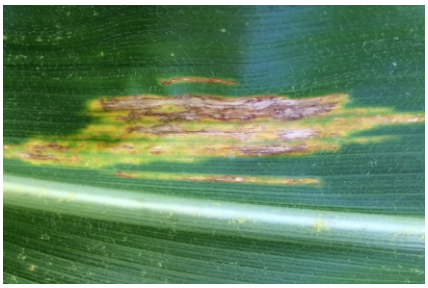


Foto: Sérgio Alexandrino

Foto: Sérgio Alexandrino